

## OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA DE PIERRE MONBEIG

*Nestor Alexandre Perekouski*

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. [nestorap@pop.com.br](mailto:nestorap@pop.com.br)

*Osmar Rigon*

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. [osmarrigon@hotmail.com](mailto:osmarrigon@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho busca analisar algumas metodologias utilizadas por Pierre Monbeig que propõem o desenvolvimento de estudos geográficos integrados. Nesta perspectiva, o autor chama a atenção para os conceitos de paisagem a partir dos escritos de Paul Vidal de La Blache, que devem ser considerados a partir de fatos da subjetividade, como a cultura e estruturas organizadas em grupos sociais, e também o conceito de “complexo geográfico” que representa a combinação de fatores atuais e pretéritos, de ações mutáveis do meio natural e do meio humano. A partir de uma revisão de literatura e reflexão, foi possível desenvolver este texto procurando identificar diversas metodologias adotadas por Pierre Monbeig e a partir daí estabelecer alguns critérios e modelos para futuras pesquisas que objetivem minimizar os problemas ambientais estabelecidos em nossa atualidade.

**Palavras-chave:** paisagem; complexo geográfico; metodologias; organização espacial; problemas ambientais.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar algumas metodologias para os estudos geográficos baseados na perspectiva de Pierre monbeig. Essa perspectiva tem como principal objetivo propor o desenvolvimento de estudos geográficos integrados. No decorrer da história da geografia, muitos estudos foram desenvolvidos de forma compartimentada, com especificidades dos aspectos físicos e naturais, totalmente desarticulados dos aspectos humanos e sociais.

Em suas pesquisas o autor chamou a atenção para a concepção de paisagem resgatada desde os escritos de Paul Vidal de La Blache (1845-1918), no sentido de refletir no espaço uma “fisionomia” de algo essencialmente dinâmico que se amplia no conceito de região, dotado de “personalidade”. Defendeu também a noção de complexo geográfico, incorporando a idéia de André Cholley (1886-1968) que destacou a importância do jogo de “combinações”.

As regiões se revestem de aspectos e traços peculiares que se exprimem numa fisionomia e essa particularidade de organização espacial é originada pelas relações entre a natureza e a história e é esta a noção de paisagem. Assim, os estudos regionais deveriam documentar-se sobre as correntes humanas, as possibilidades de cada região e os aspectos psicológicos de seus habitantes para, inclusive, propor novas medidas adequadas à sua organização.

Monbeig (1908-1987) foi professor de geografia e história pela Universidade de Paris; veio em 1935 para São Paulo, onde foi professor nos anos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), renovando a geografia humana. Autor de teses que se tornaram clássicos de referência sobre pioneiros e fazendeiros do oeste Paulista e norte do Paraná e sobre o crescimento da cidade de São Paulo, “fez escola” e deixou discípulos e inúmeros textos que marcaram época, interligando as geografias rural e urbana. Percorreu o Brasil em trabalhos de campo até os anos 1980 em missões de estudos e excursões geográficas.

Desenvolver estudos geográficos a partir das noções de paisagem, realmente é um grande desafio, pois comporta características muito frágeis e diversos aspectos paisagísticos escapam à visão. No entanto, o geógrafo deve ter sensibilidade suficiente para perceber, no cenário, fatos da subjetividade, da cultura e das estruturas sociais organizadas nos grupos investigados. Para o autor, a paisagem representa o reflexo das civilizações<sup>1</sup> e evolui com estas:

---

<sup>1</sup> O conceito de civilização é resgatado por Monbeig da obra de Vidal de La Blache que considera o desenvolvimento técnico das sociedades na luta contra os obstáculos da natureza. (DANTAS, 2005, p.31).

Como a cultura de um grupo evolui, sua paisagem também evolui: o mesmo suporte natural viu sucederem-se paisagens diferentes, sendo cada uma reflexo da civilização do grupo em dado momento de sua história. Assim, a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social (MONBEIG, 1940, p. 238-239).

Assim, diversas manifestações da vida, de formas de organização do trabalho, de mobilidade humana, de configuração do habitat, de vestimentas e formas de prazer e lazer, foram consideradas interações entre as sociedades e o meio ambiente, ou seja, elementos do “gênero de vida” que é o estudo das formas de adaptação das sociedades com o seu habitat. É através do trabalho que as sociedades organizam seu meio e gênero de vida.

Além disso, Monbeig enfatizou que não existiam fatos ecológicos, demográficos, sociais, econômicos e políticos que não estivessem situados num contexto cultural. A idéia de complexo geográfico levou em consideração estruturas espaciais que as análises geográficas deixaram de evidenciar, principalmente a partir de 1900, quando se desenvolveram os trabalhos de campo e a cartografia sistemática das séries estatísticas.

O complexo se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada una e indissolúvel pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por essa razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. Mas é absolutamente indispensável que o geógrafo não se limite à análise do cenário, à apreensão do concreto. A paisagem não exterioriza todos os elementos constituintes do complexo. Nem sempre nela se encontrarão expressos com clareza os modos de pensar, as estruturas financeiras, que são, entretanto, parcelas apreciáveis do complexo geográfico. Outro perigo – a limitação do campo de estudo à paisagem ameaça levar o pesquisador ao recurso exclusivo da descrição. (...) A paisagem é o ponto de partida, mas não um fim. Resulta do complexo geográfico, sem confundir-se com ele (MONBEIG, 1957, p.11).

Desta forma, complexo geográfico foi assim conceituado porque se localizava e implicava em ações recíprocas mutáveis do meio natural e do meio humano. O autor também considerava o

fato geográfico análogo ao fato histórico. A “(...) seqüência complexa constituída por múltiplos e pequenos fatos cronológicos (...) constitui um fato histórico”. (MONBEIG, 1957, p. 8).

A cidade é um bom exemplo para entender o fato geográfico: considerando-se apenas a cidade, num ponto do globo, não será um fato geográfico, pois nada terá de definido. Em contrapartida, se identificar-se sua localização, caracterizar seu solo, seu clima, compará-la com relação a outras cidades, estudar seus meios de transporte e como se organiza a sociedade nessa cidade, aí sim, resultará realmente em fato geográfico. O pensamento de Pierre Monbeig caminhou por esta perspectiva.

O objetivo deste trabalho é compreender algumas das metodologias adotadas nos estudos de Pierre Monbeig, a partir da noção de complexo geográfico, ou seja, a partir de estudos geográficos integrados. Este estudo iniciou-se a partir de questionamentos ligados aos aspectos de ocupação do norte do Estado do Paraná discutidos na disciplina: “A geografia e o norte do Paraná” do programa de pós-graduação (doutorado) em Geografia - análise regional e ambiental, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil.

A partir de alguns debates surgiu a proposta de desenvolver um texto, discutindo metodologias utilizadas nos estudos de Pierre Monbeig, que propõem estudos geográficos integrados. Em seguida foram realizadas pesquisas de materiais bibliográficos sobre os temas afins. Posteriormente foram selecionados e analisados alguns artigos, textos e livros que nos apresentaram elementos pertinentes às discussões sobre os estudos de Monbeig. Após esta fase, foi realizada a organização de alguns resultados encontrados nas diversas bibliografias. Por fim, foram elaboradas algumas considerações à respeito de todo material utilizado.

## **2. A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DE PIERRE MONBEIG**

Este trabalho justifica-se pelo fato de Monbeig ter considerado a paisagem como o campo de estudos do geógrafo. Mas uma paisagem multiforme constituída por elementos visíveis presentes na superfície terrestre tais como o relevo e as rochas, os solos e as vegetações, a fauna, a flora, os homens, e também indo além do que é perceptível como os odores, a atmosfera e os ventos. Os estudos de Monbeig buscaram desenvolver pesquisas geográficas integradas, promovendo a interação dos aspectos físico- naturais e humano-sociais, de forma a obter uma

interpretação do espaço geográfico e de suas transformações com uma visão do todo, diferenciada da maioria dos trabalhos científicos que normalmente compartimentaram essas pesquisas e, por isso mesmo, não avançaram em suas propostas com relação à melhoria ambiental, à gestão e ao ordenamento territorial.

Além desses aspectos, a proposta de investigação do presente trabalho é conveniente no sentido em que diz respeito à concepção das paisagens, pois, muitas de suas características podem ser encontradas a partir das opiniões de pessoas envolvidas, de grupos sociais que vivenciam seus cotidianos, com sensações e percepções em relação ao seu lugar e que o geógrafo tem capacidade e sensibilidade suficientes para interpretar. Essas características são extremamente particulares e específicas; porém, em muitos estudos científicos são informações que podem trazer subsídios para a fundamentação de propostas muito mais eficazes na organização do espaço geográfico.

Com essas perspectivas, compreender as metodologias adotadas por Pierre Monbeig contribuirá para o entendimento de diversos fenômenos naturais e sociais que vem ocorrendo em nossa atualidade e apontar futuras propostas de planejamento que atualmente encontram-se relativamente esquecidas por nossos gestores.

No que diz respeito aos estudos geográficos integrados, grande parte não foi devidamente investigada e organizada para contribuir no entendimento da organização do espaço geográfico, inclusive em nossa atualidade. Muitos deles são compartimentados em análises ora ambientais, ora regionais e humanas, sem haver interações, interposições e comparações, mostrando apenas um enfoque da realidade, quando o importante seria mostrar a totalidade de relações estabelecidas.

Por isso, muitas propostas de intervenção de atuais projetos não têm obtido grandes avanços, tanto nas áreas rurais, como nas áreas urbanas, principalmente na minimização de impactos ambientais que vem ocorrendo com frequência em diversas partes do planeta.

Por fim, os estudos de paisagem muitas vezes preocupam-se só em identificar os aspectos visíveis (até mesmo na perspectiva da geografia tradicional) e em muitos casos, a concepção da paisagem deve ser sentida e considerada através de seus aspectos culturais subjetivos, investigados junto aos grupos sociais que vivem o lugar e por isso mesmo têm sua visão particular, específica sobre o entorno.

Normalmente a tomada de decisões para a ação de projetos de desenvolvimento regional é realizada por grupos seletos, profissionais de gabinete que pouco conhecem sobre a realidade local a ser investigada. Os grupos sociais que vivenciam esse cotidiano e conhecem o seu território normalmente não têm oportunidades de participação popular em espaços de discussão dentre as comunidades. Este aspecto é preocupante quando se pretende, a partir do desenvolvimento de ações em projetos, tanto ambientais, como sociais, encontrar caminhos que possibilitem melhor qualidade de vida para as pessoas numa perspectiva coletiva.

### **3. PRINCIPAIS METODOLOGIAS DE ESTUDOS REALIZADOS POR PIERRE MONBEIG**

Dentre as metodologias adotadas, pode-se considerar que a tese de Pierre Monbeig sobre as frentes pioneiras ilustra uma ciência do tempo: naquele momento, o autor encontrava-se no Brasil diante de uma geografia em construção, cujo interesse era o mundo pioneiro, com muitos problemas e em movimento, dando-lhe grande “liberdade” com relação às disciplinas: “o nascimento e a formação da paisagem rural, fundação e crescimento das cidades, construção de uma rede de comunicações, mistura de raças, elaboração de uma mentalidade regional, tal é o imenso trabalho que prossegue ainda diante de nossos olhos”. (MONBEIG, 1952, p.13).

Verifica-se que, sob esta perspectiva, a dimensão do tempo é compreendida em sua obra, pois Monbeig estudava as condições naturais do meio e dos fatores históricos e econômicos quando analisava a valorização ou esgotamento de determinada qualidade do solo; ou a constituição do estatuto dos trabalhadores e exploradores desse mundo. A atualidade representava, naquele momento, a decomposição de uma experiência histórica.

As crises demonstravam a complexidade das paisagens e de atitudes humanas no espaço geográfico submetido às transformações e contribuições, cuja identificação muitas vezes não se davam rapidamente: (...) “A paisagem traz em toda parte a marca dessa ofensiva contínua, nas matas galerias que subsistem, nos solos esgotados por uma cultura devastadora. Cada fase trouxe alguma coisa nova que não desapareceu com a progressão (...)”. (MONBEIG, 1952, p. 111).

Um exemplo muito interessante desta dinâmica encontra-se na marcha geográfica da frente dos plantadores de café que representa os tempos determinados pela natureza do território, as formas de exploração e as alterações exteriores.

A colonização das terras e a expansão cafeeira foram de origem endógena: processos de povoamento e migrações instigados por lucros provindos de terras férteis; mas também, de origem exógena: os mercados de dimensão mundial. “Reduzir a marcha para o oeste a um fenômeno local, contentar-se em explicá-la por circunstâncias (...) brasileiras seria reduzir (...) seu âmbito e ver apenas (...) aspectos estreitos. ‘A marcha para o oeste’ foi um episódio de expansão capitalista que eclodiu sobre as duas margens do Atlântico”. (MONBEIG, 1952, p. 93).

Essa lógica nos remete ao tempo “em que os geógrafos pensavam a geografia historicamente”, ou seja, a realidade de uma formação e de referências em um momento de abertura da geografia para uma leitura mais humana, ou seja, modos de ver as coisas que estavam se transformando pela ação humana na paisagem urbana e no território. Essas transformações passaram por questionamentos, definições e posicionamentos que foram sendo amadurecidos desde os fins do século XIX e que se afirmaram após 1918.

Em seus programas no curso de geografia da USP, Monbeig trabalhou com diversos textos que demonstravam aos geógrafos a necessidade de se pensar também como um historiador, citando alguns precursores de Vidal de La Blache, como Jules Sion e Albert Damangeon, que defendiam o diálogo interdisciplinar com a utilização de conhecimentos da história e da etnologia como possibilidades de aprofundamento para a análise regional. Além disso, Monbeig também considerou a “psicologia dos povos” que era básica para a prática do “relativismo cultural”, fundamental para as reflexões do tempo e do espaço. Sion contribuiu com a ideia de que não é apenas o homem econômico que transforma e faz a terra habitável, mas o homem total, com suas aspirações, religiões e culturas. Damangeon contribuiu trazendo a ideia de que cada forma de civilização e cada etapa de evolução socioeconômica deixa sua marca na paisagem. Por isso a necessidade de recorrer à história para compreender as atuais formas de ocupação humana. (SALGUEIRO, 2006). Essas ideias foram amplamente divulgadas por Pierre Monbeig. Essa preocupação com a história levou Monbeig a preocupar-se com a falta de memória, ou seja, a ausência de documentos organizados, dados estatísticos, mapeamentos, fotografias e pesquisas sobre o Brasil, o que ele considerava “uma das regiões mais ricas em fenômenos mal conhecidos”.

Se, no âmbito da geografia, é possível a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade, ou ainda outro termo similar que se queira utilizar em situações pragmáticas, como nos estudos de mobilidade do período entre guerras, na produção de conhecimento de outras realidades e em novos meios científicos em formação, esta ciência possibilita novas interpretações, debates, projetos e propostas, transformando em realidades as tendências de ideais e de situações e as interposições dos movimentos dos indivíduos.

Outra metodologia utilizada pelo autor foram os estudos de conjuntura, normalmente decenais e interdecenais: estudos sobre os homens, a organização do solo, das plantações e das pastagens, das cidades e outros. Estudar as crises, por exemplo, pressupõem levantamentos, sondagens, utilização de dados sobre limites administrativos, razões, transformações, rupturas nos contextos econômicos e políticos. Nesta ótica, o quadro geográfico se compõe a partir de um desses grandes “acidentes” econômicos que são realidades estabelecidas por interesses, ideologias, empresas (capital) e também Estado (União) ou os estados federados: crise de mercado internacional de 1929 e da segunda guerra mundial, por exemplo.

O principal interesse dessas análises não era simplesmente conhecer o Brasil, mas sim, demonstrar que a organização do território não poderia ser estudada considerando apenas um momento, pois representava um somatório de experiências acumuladas, pois conservava traços ou misturava anacronismos marcados no solo, identificados nos mapas que contribuíam para diversas interpretações e representações, ou seja, essa organização não poderia apenas ser estudada horizontalmente.

Monbeig demonstrou que a geografia era uma construção humana, da história, ou seja, a geografia como produto da história: “Como nascem fenômenos que não (...) são apenas inertes, mas capazes de tomar outras direções, como nasce eventualmente a longa duração, ou ao menos ‘temporalidades’ das coisas, dos homens, das representações mais longas e que participam da atualidade”. (RONCAYOLO, 2006, p.126).

De modo geral, a historiografia valorizou a transformação dos anos 1950, marcados pela renovação científica representada pelo desenvolvimento das ciências humanas e sociais e renovação pragmática, com a emergência de outras áreas afins como o urbanismo e a organização territorial.

Os anos 1930 foram aqueles em que Pierre Monbeig iniciou sua carreira de geógrafo e paralelamente constituiu-se em tempos de mudanças para a geografia que organizou suas

pesquisas com base em alguns pressupostos, como certa tensão da geografia acadêmica que naquele momento já estava estruturada em todos os países industrializados e se direcionava muito mais à práticas especializadas do que propriamente em direção à pesquisa. Esta, quando se confronta com as questões contemporâneas, vê-se diante de outras disciplinas emergentes: além do urbanismo e da organização territorial, também a consultoria na área de política setorial, como a organização de transportes e povoamentos. Nesse contexto, os geógrafos são direcionados a refletir sobre a sua contribuição enquanto profissionais perante os novos espaços intelectuais ou permutam seus conhecimentos com os de outros especialistas, ou transformam-se em especialistas auto-suficientes. (ROBIC, 2006).

Sendo a geografia uma ciência muito variada, afloraram grandes divergências entre as comunidades nacionais de geógrafos, e particularmente a França apareceu na retaguarda de alguns países vizinhos, como a Alemanha, a Grã-Bretanha, a Itália, os Países-Baixos e outros, onde a grande temática era a planificação no final da década de 1930.

A partir desses pressupostos, a geografia em vias de autonomização, instalou-se numa posição acadêmica que visava exclusivamente à cientificidade. Esta posição foi conquistada contra outras sociedades de geografia e outros grupos de interesse que, no final do século XIX e início do século XX, lutaram para incluí-la entre as ciências do homem e à universidade. Com a comunidade geográfica organizada tendo por objeto a definição de conceitos, o aprofundamento de técnicas e a realização de grandes projetos, ao mesmo tempo manifestou certa tendência à abertura para o mundo, à participação nos desafios políticos, sociais ou econômicos, ou seja, aos problemas contemporâneos.

Percebe-se outra tendência ainda nos anos 1930 que se constitui em uma questão: qual pode ser a credibilidade dos geógrafos na aplicação de seu saber? Esta questão foi levantada em um momento onde o presente não tinha muita importância, ou seja, os olhares estavam voltados para o futuro: era preciso prever, projetar para o futuro e os geógrafos deveriam estar bem situados com relação a disciplinas afins.

Em congresso realizado em 1931, muitos estudiosos contribuíram com suas pesquisas que apontavam para essas perspectivas, como foi o caso de Van Cleef com estudos sobre a ocupação pioneira, e Bowman que estudou o papel dos governos na organização das zonas pioneiras e nas políticas de imigração e defendia a “ciência do povoamento”.

Pierre Monbeig, bem como outros geógrafos como Arsène Alexandre, Walentin Winid e Fawcett estudaram a cidade e seus processos de urbanização, a dinâmica urbana, incluindo o planejamento urbano que além de atuar na organização das cidades, poderia intervir sobre os equilíbrios inter-regionais e sobre o desenvolvimento das metrópoles.

Os geógrafos sentiam-se inquietos perante os desafios das ciências afins: não é seu papel a construção de edificações, no entanto, podem auxiliar de maneira exemplar quando prevêm e dirigem a extensão da cidade.

Paralelamente a essas tendências dos anos 1930, outra ferramenta que passou a ser extremamente valorizada foi a cartografia. Até o período de guerra os geógrafos se limitavam a utilização da cartografia temática do século XIX, criada por estatísticos e demógrafos (PALSKY, 1996). Nos anos 1920 e 1930 foram muito além da carta de inventário ou da carta topográfica, utilizando a representação cartográfica como ferramenta de pesquisa e de base da especialização territorial (ROBIC, 1996).

Por fim, é fundamental para a compreensão deste estudo, perceber a amplitude dos conceitos de território e paisagem, pois representam categorias do espaço ricamente trabalhadas por Monbeig e seus discípulos, além do conceito de cidade que está diretamente associado à circulação e à mobilidade. O território, a paisagem e a cidade constituíam temas do laboratório de pesquisas de Monbeig desde que chegou ao Brasil, em 1935. Vivendo na capital e viajando para o oeste de São Paulo e o norte do Paraná, associou essa tríade sob escalas de observação interligadas até chegar às suas teses publicadas em 1952 e 1953.

Monbeig explicou a economia cafeeira sujeita ao mercado e à conjuntura internacional em dois momentos: o primeiro de desmatamentos, de produção e de mudanças sociais e, o segundo, dos tempos de industrialização e de urbanização.

Com as diversas mudanças no espaço geográfico e a circulação da vida cotidiana, registrou a geografia se movimentando e questionando a sua epistemologia. Monbeig desenvolveu, sobretudo, uma “história do presente”, considerando as relações dos atores sociais e a dimensão do tempo que atravessa a organização territorial. No caso do Brasil destacou várias experiências e momentos, pois o país representa múltiplas temporalidades: de processos justapostos, de combinação de escalas de fatos rurais e urbanos de uma região e até mesmo relacionando-os com outras realidades externas.

O território, por exemplo, e as próprias regiões pioneiras, utilizam-se de seu uso clássico: divisão e parte da terra ligada a um grupo ou comunidade. As revoluções técnicas e econômicas, a mobilidade dos homens a partir da revolução dos transportes, a dinâmica de ocupação de novas terras e outros processos estende a dimensão deste conceito, trazendo novos pontos: o pertencimento, que representa uma ação sobre o lugar e a paisagem; o poder político, que se estende sobre o território e a estrutura; a globalidade, que transforma o território num conjunto interligado de um fenômeno social e, por fim, a representação, que valoriza os lugares do território construindo o pertencimento sob várias óticas.

Esses pontos são fundamentais para compreender a complexidade da noção de território e como ele se modifica em um curto período de tempo. Quando em 1971 Monbeig voltou a escrever sobre São Paulo, ele defendeu a necessidade de uma revisão de critérios de regionalização, devido à rápida dinâmica das transformações, da evolução e da extensão econômica das fronteiras territoriais em todas as direções, para além dos limites administrativos.

Se antes a organização das regiões era desenvolvida em função das companhias de estradas de ferro, como os exemplos de São Paulo e Paraná nos anos 1930/1940, naquele momento a realidade era de uma “sociedade móvel”, com novos aproveitamentos da cartografia, o progresso da dinâmica territorial, o avanço dos homens na ocupação de terras, a hegemonia industrial paulista no Brasil e a mentalidade pioneira que se constituíram em temas atuais.

Ainda a paisagem, na concepção de Monbeig, vai além do que é perceptível, sendo abordada não apenas em seus aspectos de sensibilidade, mas também, como a representação de um “complexo geográfico”, ou seja, analisada de acordo com os diversos elementos relacionados, que fazem parte de sua estruturação.

Para a escola francesa, a geografia era simplesmente uma “descrição explicativa”, sendo essencial saber que a paisagem era apenas “o campo de estudos do geógrafo”. Monbeig defendia que o estudo da paisagem deveria ser realizado no campo e não em uma sala de aula. Diante da paisagem, a observação deveria associar-se a outras ciências, como a botânica, a história, a sociologia, a etnografia, a economia política e outras, garimpando em seus conhecimentos o que fosse útil para fazer a “síntese geográfica”.

Assim, para o autor, a paisagem deveria ser abordada tanto sob o aspecto da sensibilidade como da representação concreta de um “complexo geográfico” que se constitui em uma das

noções centrais de sua obra, ou seja, a paisagem deve ser analisada segundo todos os elementos relacionados que participam de sua conformação.

Monbeig citou alguns autores fundamentais para os estudos da paisagem, como Max Sorre e Jules Sion. Recomenda também como referências Roger Dion e sua obra *Essai sur la formation du paysage français*, publicada em 1934 e a obra do historiador Marc Bloch, *Les caractères originaux de l'histoire rurale française*, publicada em 1931. Também evidenciou a cidade que representa uma associação do urbano/rural e da cidade/circulação. A cidade é espaço de deslocamentos de população e de capitais, onde a dinâmica dos indivíduos constrói a organização de conjunturas urbano-rurais na associação de tempos. A mobilidade pode associar o fenômeno urbano ao rural e, neste contexto, as “cidades de café” foram se desenvolvendo considerando estágios diversos, umas progredindo, outras estagnando-se; e o tempo explicando a evolução das cidades. Além disso, as redes de transporte funcionaram como meios de organização territorial.

Contudo, para Monbeig, o esquema vital: infância, juventude, maturidade, velhice e decadência poderiam até explicar a evolução das cidades, porém, não davam conta de explicar as suas realidades, pois “a semente urbana não frutifica sempre, alguns grãos brotam, outros param de crescer”. (MONBEIG, 1952).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo pode-se considerar que uma das principais tarefas do profissional geógrafo é perceber a paisagem como um reflexo da civilização. Para Monbeig os modos de pensar e os modos de vida devem ser estudados em conjunto. Essa percepção provém de um trabalho incessante de análise procurando distinguir aspectos naturais, como a composição do solo, o clima, e outros, mas também, as técnicas agrícolas e a organização social.

Considerando a interdisciplinaridade, ou seja, a importância da utilização do conhecimento de outras ciências afins, como a história, a etnologia e como bem destacou Monbeig a “psicologia dos povos”, o geógrafo deve possuir uma cultura histórica bem desenvolvida e a geografia humana deve promover, em seus estudos, uma síntese das ciências naturais e das ciências sociais, logicamente mantendo-se, cada uma, o seu próprio método. O

homem é então o homem cultural, geográfico e ecológico, capaz de refletir acerca do tempo e do espaço, inscrito em uma realidade social complexa.

Historicamente, considerando as grandes transformações científicas ocorridas nos períodos entre 1930 e 1950, a geografia migra do âmbito estritamente acadêmico para se deparar com novos problemas e desafios, dentre eles, as transformações da cidade e a necessidade do planejamento. Nesta ótica, percebe a importância de se situar perante outras ciências afins, como o urbanismo, impondo-se com estudos na área do planejamento urbano e organização territorial.

Pode-se comparar este estudo, com um jogo de quebra-cabeças, mas que, ao mesmo tempo, é apaixonante pelas inúmeras possibilidades a que se pode chegar. Não se resume apenas em acompanhar os cotidianos das sociedades humanas, mas sim, a transformação e evolução do homem em seu aperfeiçoamento, buscando novos caminhos para a humanidade.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. S. D.; FRESCA, T. M. (Org.). **Geografia e norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Edições Humanidades, v. 1 e 2, 2007.

CHOLLEY, A. **Quelques réflexions sur l' enseignement de La géographie, L' Information géographique**, n. 1, 1937-1938.

DANTAS, A. **Pierre Mombeig: um marco da geografia brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MONBEIG, P. **Ensaio da geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

\_\_\_\_\_. **Pionniers et planteurs de São Paulo**. Paris: Armand Colin, 1952.

\_\_\_\_\_. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

PALSKY, G. **Des chiffres et des cartes: naissance et développement de la cartographie quantitative française au XIX**. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 1996.

ROBIC, M. –C. Les résolutions et irrésolutions d'une cite scientifique: l'entredeux-guerrers. In: ROBIC, M. –C.; BRIEND, A. –M.; RÖSSLER, M. (dir.). **Géographes face au monde: l'Union**

géographique internationale et lês Congrès internationaux de géographie. Paris: L'Harmattan, 1996, p. 179-225.

\_\_\_\_\_. A crise dos anos 30 e a emergência de novos temas na geografia. In: SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Pierre Mombeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

RODRIGUES, A. L. **A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC), 2004. Tese de doutorado.

RONCAYOLO, M. Tempos geográficos e construção dos espaços na análise de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Pierre Mombeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

SALGUEIRO, H. A. (Org.). **Pierre Mombeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru-SP: Edusc, 2006, p. 22.

VIDAL DE LA BLACHE, P. **Os gêneros de vida na geografia humana**, tradução de Regina Sader e Simone Ferreira, borrão, s/d.